



Filosofia da educação e formação de educadores

Por ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO
MARCOS ANTÔNIO LORIERI
OFÉLIA MARIA MARCONDES
SANDRO ADRIAN BARALDI

ajsev@uol.com.br
lorieri@sti.com.br
ofelia.marcondes@uol.com.br
sandrobaraldi@gmail.com

1. Formação humana.

Formação tem a ver com formar ou com o conjunto de procedimentos que dão forma, ou que constituem algo. Há posições que afirmam que a forma é a própria essência já dada aos seres e que provém de algum poder a eles externo: as formas já estariam dadas *a priori* e, aos seres, competiria realizá-las na sua temporalidade como “conformações”. A ideia de conformação indicou caminhos de constituição de pessoas, de modo geral caminhos impositivos. Se a forma é previamente dada, resta conformar-se ou ser conformado a ela.

Se é vista como resultante do conjunto de relações que se dão com a natureza e com os demais humanos, sem que haja planos aprioristicamente dados, afirma-se a constituição histórica da maneira humana de ser. Isso se opõe à ideia de essências ou de formas idealizadas, determinantes do real e das pessoas.

As diversas posturas estão presentes nos variados discursos pedagógicos, nem sempre tomadas consciente e criticamente como orientadoras das práticas educacionais. Esta diversidade e o fato de poderem ser assumidas de maneira não crítica, nos levam a indagar: Como pensar a formação humana? Há uma “forma” a ser “dada” às pessoas, ou uma condição humana que se constitui historicamente? Qual o papel das mediações educacionais?

Educação é processo de formação de seres humanos. Trata-se de processo de constituição da humanidade *dos* humanos, ou de constituição da humanidade *nos* humanos? Se a primeira alternativa, essa humanidade constitui-se na própria prática do existir. Se a segunda, haveria “uma humanidade” a ser realizada em cada humano. Com qual alternativa ficar? Seres





humanos devem ser formados? Seres humanos formam-se? São indagações próprias do campo da Filosofia da Educação.

A formação de educadores não pode prescindir de estudos do âmbito da Filosofia da Educação. A relação da Filosofia com a Educação foi trabalhada por muitos filósofos como Platão e Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Rousseau, Kant, Hegel, John Dewey, Adorno e outros. Pensadores da América Latina participam destes esforços de reflexão filosófica e, dentre eles, muitos brasileiros.

Parte dos esforços dos educadores brasileiros é o que se quer mostrar neste simpósio que tem como objetivo provocar, a partir das ideias aqui expostas, trocas de impressões a respeito deste tema.

Os componentes da mesa fazem parte do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (São Paulo, BR) que tem como uma de suas preocupações investigar a respeito das contribuições da Filosofia da Educação para a formação dos educadores. Isso tem se concretizado em resultados como publicações de artigos, capítulos de livros, em coparticipação na realização de eventos científicos nos quais este tema tem sido debatido. Exemplos de eventos são os dois recentes congressos realizados na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, São Paulo/Brasil): o primeiro em setembro de 2015, promovido pela Faculdade de Educação da UNICAMP, juntamente com a Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa (SOFELP) no qual o tema central foi o papel formativo da filosofia (do qual resultou um livro com este título¹); o segundo, realizado em setembro de 2016, foi promovido pela mesma Faculdade da UNICAMP juntamente com a Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE) no qual ocorreram mesas sobre o papel da Filosofia da Educação na Formação do Educador. Algumas das ideias de educadores brasileiros apresentadas nestes eventos serão expostas a seguir.

¹ Trata-se do livro: **O Papel Formativo da Filosofia**, SEVERINO, A. J. LORIERI, M. L. GALLO, S. Jundiaí, SP. Paco Editora:2016. Outros textos do mesmo Congresso da SOFELP podem ser acessados nas seguintes duas revistas e respectivos números: **Eccos n. 38 e 39** (www.uninove.br/revistaeccos) e **RESAFE, n.26** (<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe>).



2. Contribuições da Filosofia da Educação na formação de Educadores segundo pensadores brasileiros.

Este tópico traz as contribuições dos quatro estudiosos, integrantes deste Simpósio, que têm trabalhado a explicitação do sentido e do papel da Filosofia da Educação na formação profissional dos educadores.

2.1 Filosofia da Educação na formação do educador.

Antônio Joaquim Severino

A tese aqui defendida é de que a Filosofia da Educação é imprescindível na formação do educador, sendo chamada a exercer nela um papel que não pode ser desconsiderado na sua habilitação profissional. A presença de componente filosófico-educacional na matriz curricular de seu curso não deve ser vista apenas sob a perspectiva de erudição acadêmica, mas fundamentalmente como via de consolidação de uma sensibilidade muito aguçada às exigências específicas da própria educação. Em decorrência desta premissa, sua formação não pode ser concebida e realizada como mero treinamento para o desempenho de tarefas técnico-didáticas do ensino, dentro de uma visão muito estreita da profissionalidade, esvaziada de qualquer dimensão humanística. Do igual modo, sua futura atuação profissional como docente não pode se dar como pura execução de atividades técnicas. A formação profissional que é de se esperar do educador precisa ir muito além de um domínio de competências e habilidades operativas. Outras exigências qualitativas se impõem na e para o amadurecimento humano desse profissional. E a contribuição da filosofia da educação é fundamental para se garantir essa formação integral aos futuros profissionais, ressaltando a incumbência humanista dos cursos responsáveis pela sua formação inicial. À filosofia cabe, então, um papel pedagógico imprescindível, papel que lhe cabe desempenhar, como reflexão sistemática sobre a própria educação, portanto, como filosofia da educação, mediante três percursos investigativos e reflexivos: explicitar as condições da existência dos homens, em sua condição ambígua de seres encarnados e transcendentais; explicitar os valores que norteiem sua ação histórica no contexto da vida social, valores esses vinculados ao valor máximo que é a dignidade das pessoas; elucidar criticamente a ferramenta de que dispõem





para tanto, que é o conhecimento, inclusive desmascarando os enviesamentos ideológicos que atravessam e comprometem tanto o discurso teórico como o discurso prático da educação. Daí a necessidade e a relevância do desenvolvimento da sensibilidade filosófica dos estudantes, condição indispensável para a formação integral dos mesmos, tendo em vista superar o modelo totalmente pragmatista que tem prevalecido nos cursos de preparação dos profissionais da área o que tem gestado uma visão muito tecnicista da própria didática.

Sem dúvida, são indiscutíveis a necessidade e a relevância da profissionalização para inserção de todos os indivíduos no mundo do trabalho. Não se trata nunca de negar essa apropriação dos recursos científicos e tecnológicos para a condução da vida humana na terra. Assim também os futuros profissionais da educação precisam dispor do máximo desses recursos apropriados para o exercício do ensino.

Mas é preciso esclarecer bem o que se entende por formação humana para que se possa delinear a presença da Filosofia da Educação na dinâmica da educação universitária destinada aos futuros educadores. A formação é o processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa. Formação deve ser concebida, pois, como a busca e o alcance de um sempre renovado modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, um processo formal de ensino, sua face visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva.

Quando se indaga sobre a presença da filosofia da educação nos currículos dos cursos destinados à preparação dos recursos humanos para a prática educativa, o que está em causa é a concepção da formação humana que se espera da Universidade que vai justificar a necessidade dessa presença. A ideia aqui defendida é que a finalidade da educação superior, também no caso da formação do educador, não pode exaurir-se nesse perfil de profissionalização técnica. E que, além do obviamente necessário preparo técnico dos profissionais e da fundamentação científica que lhe deve servir de lastro, os cursos de



Pedagogia e de Licenciatura precisam investir também na formação humana dos estudantes, futuros profissionais da área. E que esta formação humana, para além de qualquer retórica idealista, tem tudo a ver com uma forma aprimorada do existir das pessoas humanas, historicamente situadas. Isso quer dizer que estamos considerando como filosofia, uma atividade de reflexão, uma modalidade de exercício da subjetividade cognoscitiva que se envolve exatamente com o delineamento desse sentido, articulando e complementando todas as outras modalidades congêneres, num esforço conjunto e convergente com vistas à elucidação do sentido da existência e do esclarecimento de referências para a orientação da prática humana, o grande processo mediador de sua existência.

À educação cabe uma tarefa intrinsecamente compromissada com a emancipação dos sujeitos humanos e, conseqüentemente, à Filosofia da Educação cabe desvendar as tramas de todas as modalidades de opressão e de dominação que obstaculizam um existir histórico mais autônomo e mais autêntico. (SEVERINO, 2001, 2011a, 2011b). Sem dúvida, as condições econômicas e sociais que atravessamos atualmente fazem parecer utópica essa perspectiva. No entanto, esta situação degradada só faz aguçar o desafio da formação humana, necessária pelas carências ônticas e pela contingência ontológica dos homens, mas possível pela nossa condição de educabilidade. Assim, é exigência intrínseca ao processo de formação do educador fomentar e subsidiar o desenvolvimento **ao máximo da racionalidade filosófica** dos futuros profissionais, numa tríplice direção.

Numa primeira direção, buscando enfrentar a questão que continua a desafiar os educadores, exigindo a atenção da Filosofia da Educação, que é a do próprio sentido desse existir. Trata-se da questão antropológica por excelência, que continua se colocando ainda hoje, nas mudadas condições históricas, questão que transcende as peculiaridades de todas as épocas. Em que pesem todas as mudanças havidas nos últimos séculos, nos modos pelos quais a civilização humana tenha avançado no aprimoramento de nossas condições de vida, a educação continua merecendo transformações substantivas. Apesar de todo o desencantamento do mundo, do esvaziamento de todas as referências metafísicas e religiosas com que a tradição cultural e filosófica ocidental construía a imagem do homem, a condução da existência, no conturbado mundo contemporâneo, continua dependente de um sentido que





precisamos lhe atribuir. Sem dúvida, a elaboração desse projeto antropológico, nas condições atuais, não mais recorrerá àquelas referências metafísicas e teológicas, de natureza transcendental, e nem mesmo às leis científicas, mas se pautará numa hermenêutica da vida na imanência histórica.

A Filosofia da Educação, ao desempenhar essa sua atribuição ontológica, busca desenhar um retrato real da condição humana, no contexto de sua existência histórica, mas sem se respaldar em princípios metafísicos abstratos ou em dogmas religiosos transcendentais. A imagem do homem, que deve construir, não deve ser aquela de uma essência eterna e etérea do mesmo. Espera-se, pois, da reflexão filosófico-educacional que ela explore, para educadores e educandos, o significado da condição humana, historicamente situada. Esta é a tarefa ontológica da Filosofia da Educação, que deve ser cumprida sem se transformar numa nova metafísica.

Numa segunda direção, ainda é preciso estabelecer referências valorativas para o agir. Sem dúvida, em nossa tradição, a Filosofia da Educação nasce como estabelecimento de valores de referência para a prática educativa. Premidos pelas injunções do agir, os homens, assim que podem contar com os recursos sistemáticos da subjetividade pensante, se servem, originariamente, desses instrumentos para estabelecer parâmetros para o bem agir. Isso se justifica plenamente dado ao fato de que a prática é o modo originário e originante do existir humano, condição pré-predicativa absoluta, emergente do núcleo do próprio processo vital da espécie e de onde emergem todos os processos posteriores que dão especificidade ao modo de ser dos homens. Esta é a tarefa axiológica da Filosofia da Educação, a ser realizada sem se transformar em mera sabedoria. (SEVERINO, 2001, 2011a, 2011b).

Em terceiro lugar, a Filosofia da Educação não pode evitar se colocar o problema das relações entre a produção do conhecimento e o processo educativo. Não só num plano formalmente epistêmico, mas também em suas repercussões na instauração de um campo investigativo próprio que torna possível a constituição de uma ciência da educação. Sob essa perspectiva epistemológica, a Filosofia da Educação precisa ainda identificar e questionar os desvios ideológicos em que incorrem a teoria e a prática educacionais. Ainda não estamos livres do embaçamento ideológico, pois, a cultura em geral e a educação em particular,





continuum sendo mecanismos de alienação, até porque lidam com ferramentas simbólicas que atuam nas entranhas ambíguas da subjetividade. A reflexão filosófica tem o necessário compromisso em desmascarar os viesamentos ideológicos. Esta é a tarefa epistemológica da Filosofia da Educação, a ser alcançada sem se reduzir a simples metateoria do campo educacional.

2.2 Filosofia como conteúdo necessário na formação dos educadores.

Marcos Antônio Lorieri

São apresentadas, aqui, ideias relativas às possíveis contribuições da Filosofia da Educação para a formação de educadores presentes nos textos dos pesquisadores brasileiros: José Pedro Boufleuer, Marcos Antônio Lorieri e Renê José Trentin Silveira. Elas foram apresentadas nos eventos mencionados na primeira parte deste texto.

José Pedro Boufleuer indica que se ofereça, nos cursos de Pedagogia, elementos da Filosofia da Educação que podem auxiliar na superação da simplificação “profissionalizante” à qual se tende nesses cursos. Simplificação que pode levá-los a apenas reproduzir maneiras de fazer sem uma consciência clara das intencionalidades desse fazer. Propõe que se ofereça aos futuros pedagogos o estudo do que denominou de paradigmas filosóficos ocidentais que estão subjacentes às tendências pedagógicas com vistas a que os educadores tomem consciência desses paradigmas e os submetam a análises críticas com o auxílio da formação filosófica. Toma a expressão “paradigma”, no sentido de referências e condicionantes, muitas vezes não refletidos, que estão presentes na maneira de pensar a realidade, orientando como nela operar. Orientando, portanto, as maneiras de fazer. Cita os seguintes: a) o paradigma ontológico das essências; b) “o paradigma moderno ou da subjetividade individual; c) o paradigma neomoderno, da linguagem pragmática ou da ação comunicativa.

Esta proposta visa a oferecer um caminho de formação aos educadores para que possam assumir conscientemente e não espontaneamente (ou simploriamente) as razões e as orientações para sua prática educativa. Pois, como ele afirma, em cada época assumimos cumplicidades recíprocas em relação a paradigmas (ele diz, também, “narrativas”) que, em





última instância, governam nossas vidas. É mais digno assumir essas cumplicidades de maneira conscientemente crítica: nisso a filosofia da educação tem um papel fundamental.

Na mesma direção caminham as ideias de Renê Trentin da Silveira (UNICAMP) que sugere pensar o papel formativo da filosofia da educação partindo do que diz Gramsci no Caderno 11 de os **Cadernos do Cárcere**.² Sua proposta é que a disciplina ajude os futuros professores a superarem uma Filosofia da Educação “espontânea”, ou internalizada através do senso comum (que carrega elementos de filosofia e de filosofia da educação, mas não pensados criticamente). Isso pode ser feito buscando identificar esta Filosofia da Educação presente nas tendências pedagógicas (denominadas por Bonfleuer de paradigmas) e nas práticas costumeiras dos educadores e proceder a uma análise crítica das mesmas como forma de indicar a possibilidade de sua superação na direção de assumir alguma teoria pedagógica e sua base filosófica, conscientemente e criticamente.

Minhas ideias caminham sempre na direção de afirmar e reafirmar que o educador, como um profissional que pretende atuar intencionalmente nas diversas atividades próprias da relação educativa, necessita de uma sólida formação filosófica, além das demais formações propiciadas pelos conhecimentos científicos e pelas demais formas de conhecimento, como as artes. Necessidade que advém do fato de lhe caber decidir por caminhos que pretende oferecer, como bons, aos seres humanos em formação, com os quais entra em relação educativa, como um dos mediadores nessa relação.

Esta decisão por caminhos envolve, no mínimo, os seguintes percursos reflexivos: o da humanização (caminhos do ser gente); o do pensar e, nele, o do conhecer (caminhos do conhecimento); o do valorar e, nele em especial, o do valorar moral (caminhos da ética); o do ser em sociedade (caminhos da política), o da busca de compreensão da sensibilidade

² O que diz Gramsci, conforme citação de Silveira é o seguinte: “... é preferível ‘pensar’ sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, ‘participar’ de uma concepção do mundo ‘imposta’ mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (...), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica (...), escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?” (Gramsci, 2001, p. 93-94, §12 [Caderno 11]).



humana e de suas manifestações, em especial das manifestações artísticas (caminhos da estética).

Ser educador Pedagogo, assim como ser educador Professor, não é como ser educador nas relações que ocorrem no dia-a-dia, quase sempre sem uma intenção clara. O educador profissional é aquele que tem, em primeiro lugar, intencionalidade clara, quer quanto aos resultados possíveis (os fins, os objetivos, etc.), quer quanto aos meios. Faz parte desta intencionalidade, a intencionalidade política por ele escolhida. Em segundo lugar cabe-lhe pensar, com a maior clareza possível, os seguintes temas e os problemas a eles inerentes: a) o significado da ação educativa; b) o ser humano (Antropologia Filosófica e Educação); c) o ser humano que pensa e conhece (Teoria do Conhecimento e Educação); d) o ser humano que age e suas referências éticas (Ética e Educação); e) o ser humano cidadão (Filosofia Social e Política e suas relações com a Educação); f) o ser humano e sua sensibilidade (Estética e Educação).

Ao pensar filosoficamente estes temas é necessária a incursão pelas produções filosóficas historicamente acumuladas. Até para que se tenha consciência crítica de sua presença, ou não, nas propostas pedagógicas ainda vigentes nos dias de hoje. Trata-se da necessária clareza a respeito dos paradigmas (Bonfleuer), ou das tendências pedagógicas e seus pressupostos filosóficos presentes na Filosofia da Educação “espontânea”, ou internalizada através do senso comum (Renê Silveira).

A Educação é uma das práticas humanas e das mais importantes: ela se propõe a ajudar os seres humanos a se tornarem, cada vez, melhores pessoas. Isto inclui procurar ajudar as pessoas a estabelecerem as melhores relações possíveis com a natureza, com os demais seres humanos e consigo próprias, na construção de um modo de ser no mundo que faça bem a todos, assim como ao próprio mundo. Lembrando que já é um grande problema a definição do que sejam o “melhor” e o “bem”, aqui referidos.

Tudo o que diz respeito ao que o ser humano é e ao que ele faz, diz respeito à educação. E tudo isso exige de cada ser humano reflexão filosófica e, em especial, dos seres humanos que se propõem a educar intencionalmente: isto é, a interferir na maneira de ser de outras



pessoas. Daí a importância e a necessidade da reflexão filosófica na formação e na prática do educador e, no caso, do educador pedagogo ou do educador professor.³

2.3 Formação de educadores e a infância como categoria filosófica.

Ofélia Maria Marcondes

O que proponho neste texto é uma breve reflexão sobre o papel da Filosofia da Educação na formação de educadores a partir da infância como categoria filosófica, ou seja, um conceito geral que nos permite refletir e estabelecer diversas e possíveis relações entre ideias ou fatos, e não apenas como uma etapa do desenvolvimento humano que exige a presença de uma geração mais experiente que insere a menos experiente no mundo da cultura.

Pensamos sistematicamente sobre algo que se apresenta como questão ou problema, dada nossa relação necessária com o meio – físico e social, resultando em concepções ou modos de entendimento. Segundo Loreri,

Concepções filosóficas ou “filosofias” podem ser consideradas como sistemas teóricos que procuram apresentar entendimentos, produzidos de certa maneira sobre: o que é a realidade ou o mundo; o ser humano; o conhecimento; a verdade; o processo de valoração; o bem; o belo; a sociedade, o poder, a liberdade; a história; a linguagem; a educação, etc. Sua produção se dá, sempre, no interior de situações históricas concretas com todos os condicionamentos sociais, econômicos e políticos ali presentes (LORIERI, 2010, p. 5, grifo do autor).

Essas são questões fundamentais que levam os seres humanos a perguntarem sobre si mesmos, sobre a realidade que os cerca e sobre a própria existência humana. O esforço por buscar produzir entendimentos a respeito desses temas é o próprio filosofar que deve ser alimentado através, também, do ensino de Filosofia, pois,

... além de auxiliar no atendimento da necessidade de produção das significações, através da busca incessante por respostas às questões fundamentais, o ensino da filosofia auxilia no necessário aprendizado de se colocar sob o crivo da reflexão crítica as significações que estão presentes na cultura e que são utilizadas para orientar e justificar maneiras de ser, de agir e de pensar (LORIERI, 2016, p. 172).

³ **Observação:** As ideias dos três autores aqui mencionados foram apresentadas no III Congresso da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (FE/UNICAMP, 14-15/09/2016. www.fe.unicamp.br/sofie2016/index.html) e serão publicados em livro em 2017).



A formação do educador deve caminhar no sentido de ajudá-lo a tornar-se um crítico de sua prática e das teorias nela presentes, ou, como é colocado, deve auxiliá-lo a ser capaz de uma reflexão crítica sobre as significações presentes na cultura e, assim, (re)orientar seu agir e seu pensar. Pensar criticamente nos coloca diante da exigência de pensarmos sobre o mundo, o ser humano, o conhecimento, etc. com autonomia, por meio de uma reflexão que nos leve à raiz dos problemas, buscando compreender a totalidade das condições em que eles surgem e como eles se resolvem, ou buscam se resolver no existir da humanidade.

Considero que a Filosofia da Educação como disciplina nos cursos de formação de professores deve cumprir o papel de colocar questões que auxiliem os futuros professores a compreenderem sua própria atividade para que possam estar efetivamente na condução consciente de sua prática. Com isso, a Filosofia da Educação deve superar seu caráter enciclopédico que trata das ideias ou correntes do pensamento filosófico sobre educação (sem negar a importância do saber dessas ideias) tornando-se o espaço para se pensar epistemológica, axiológica e ontologicamente o fenômeno educativo com vistas ao questionamento dos fundamentos do currículo, dos métodos, das ideias de avaliação, do projeto pedagógico, problematizando os sentidos do que fazer educacional. A filosofia torna-se uma experiência educativa que nos permite crescer e a Filosofia da Educação, um exercício atento que mantém viva a ligação entre educação e sua dimensão filosófica. Neste ponto concordamos com Tomazetti ao afirmar que o papel da Filosofia da Educação é problematizar a formação e a subjetivação dos aprendizes, colocando em xeque as relações entre ensino e aprendizagem, ou seja, deve “propiciar a problematização acerca das representações de professor, de escola, de aluno, de ensino, por exemplo, e o reconhecimento dos campos de sujeição vigentes na educação” (TOMAZETTI, 2016, p.81).

Não é fácil questionar a própria prática e os fundamentos já estabelecidos. Por onde, porém, começar esse exercício? Como podemos abordar filosoficamente problemas como o que é a realidade, como alcançamos a felicidade, o que é educar, o que é o bom, o belo, a verdade?





Segundo Kohan,

... pensar de verdade, pensar-se a si mesmo, fazer da filosofia um exercício de se colocar a si mesmo em questão exige, a cada momento, ir até a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo como se nunca tivéssemos pensado, como se, a cada vez, estivéssemos pensando pela primeira vez. Assim, a infância é quase uma condição da filosofia (KOHAN, 2015a, p. 217).

A infância, tema recorrente nos cursos de formação de educadores, aparece em disciplinas como História da Educação e Psicologia; é comumente tratada como uma etapa do desenvolvimento humano a ser superada pela maturidade e como condição para o crescimento. A criança deve ser conduzida da minoridade à maioridade. O emancipado é o adulto, o maduro. A criança não tem razão, nem conhecimento, não é dona de si mesma, é incapaz e suas capacidades estão em potência.

No entanto, Kohan coloca a infância como categoria filosófica por nos convidar a suspender nossos saberes, questionar nossas ações, buscar os porquês, nos colocar naquela situação de admiração diante do mundo e das coisas do mundo; é a própria situação do filósofo: construir e compreender os significados das coisas da natureza como natureza e da natureza como cultura. Estamos na mesma posição infantil a cada vez que pensamos ou perguntamos sobre a existência, a vida e a morte, nós e o outro, a realidade. Kohan vê a infância como a própria filosofia e o ato de filosofar:

Na filosofia a infância é uma exigência: “pensar sem pressupostos”, uma exigência necessária e impossível ao mesmo tempo, a de habitar, cada vez que pensamos, a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo, como se nunca tivéssemos pensado, como se estivéssemos pensando, cada vez que pensamos, pela primeira vez. [...] O que é a infância? O que é a filosofia? Como pensá-las como se fosse a primeira vez, como se nunca tivéssemos pensado? O exercício é infinito. Só tem início. Só tem infância (KOHAN, 2015, 170, grifo do autor).

A infância é a busca do novo, possibilidades. Para Kohan, “a filosofia e o filosofar são também escuta atenta dos possíveis no pensamento, e a infância é, justamente, pelo menos num sentido, o reino das possibilidades e da ausência de determinação” (KOHAN, 2015a, p. 217). Na infância construímos tempos que ainda não existem, usamos a imaginação livremente, criamos soluções; é ruptura e repetição. A criança (o ser humano no estágio da infância) está aberta às experiências, desejosa, quer o novo, é ativa. Negar a infância seria



negar a experiência, pensada aqui em termos deweyanos, como resultado das interações do ser humano e seu meio em virtude dos problemas que este lhe impõe. É na continuidade de nossas experiências que nos constituímos sujeitos históricos, inacabados, em crescimento. Há uma ligação necessária entre essas duas categorias - infância e experiência - no sentido de que a primeira é condição para a segunda. É por esta razão que Kohan, leitor de Agamben, afirma: “No humano, a infância é a condição da história” (KOHAN, 2005, p.243).

Pagni compreende o sentido de infância como “o de ser uma condição da linguagem e uma possibilidade do pensar que irrompe na vida, ao não se restringir a uma de suas fases, e a altera em seu curso, mediante a sua transformação” (2010, p. 100). Entendo que a transformação é aquela que acontece na ação sobre o mundo, fruto de questionamentos e elaboração e reelaboração de significados.

Superando a ideia de infância restrita a uma idade específica, a colocamos como aquele estado de espírito que acompanha o ser humano por toda a sua vida e, por ser inacabado, se transforma, na medida de suas experiências. E é deste ponto de vista que Pagni pensa a infância:

Em virtude de esse inacabamento dar ao homem o que pensar, a infância é vista como móvel desse ato de pensar, levando o sujeito a modificar-se diante do existente, ao mesmo tempo em que resiste a ele, em busca de transformá-lo e produzir formas de subjetivação mais livres no mundo e potencializar a vida. [...] [A] infância seria, assim, um entre que habita as relações da experiência com a linguagem, das quais irrompe um ato de pensar que, ao mover o pensamento, coloca o sujeito em um processo transformativo de si mesmo (PAGNI, 2010a, p. 30, grifo do autor).

Assumi a infância como categoria filosófica para pensar a Filosofia da Educação nos cursos de formação de professores por ser uma possibilidade para pensarmos a práxis educativa nos colocando questões já formuladas como se fosse a primeira vez a serem pensadas. O que é educar? É possível educar e/ou educar-se? É possível conhecer? Quais os conteúdos e saberes válidos na construção do currículo? Quais valores estão associados à avaliação? Os porquês da infância são os que impulsionam a força criadora da própria existência humana, nos colocando na posição de eternos aprendizes.

2.4. Influências de Dewey no pensamento educacional brasileiro.





Sandro Adrian Baraldi

As ideias do Movimento da Escola Nova tiveram ampla repercussão no pensamento educacional brasileiro desde 1930 até o final de Século XX e, em especial, as ideias de John Dewey. Esta repercussão impactou, de alguma maneira, as reflexões no campo da Filosofia da Educação e nas ideias de formação, seja de alunos, seja de docentes. O que não ocorreu em outros âmbitos do pensamento filosófico brasileiro, apesar de algumas exceções. Diversas obras de Dewey, do âmbito da educação, foram traduzidas para o português.

A base do pensamento deweyano é a sua concepção de experiência. Segundo Murphy (1993, p.88-90), a concepção geral de experiência, em Dewey, tem marcas profundas do conceito de experiência em Hegel que a toma como “constituindo um todo unificado, dinâmico e singular no qual, em última instância, tudo está inter-relacionado”. Não um todo unificado “idealizado” e sim, um todo unificado natural, objetivo, concreto e material. Dela fazem parte os seres humanos os quais “têm experiências” e não apenas “passam por experiências”. A experiência é o acontecer de tudo, ou seja, a elaboração dos acontecimentos.

Na experiência, Dewey aponta para dois de seus princípios fundamentais: a continuidade e a interação. A continuidade significa que os acontecimentos não voltam atrás, eles têm continuidade, uns seguindo-se aos outros e até indicando possibilidades para as sequências experienciais. A interação indica que, para haver qualquer acontecimento devem existir relações entre seus elementos constituintes. Ambos os princípios possibilitam o entendimento do acontecer de tudo, ou seja, a experiência. Daí a negação das ideias essencialistas, porque nada é e, sim, “está sendo”, nada volta atrás, as coisas estão sempre mudando, o que exige prudência para o agir e, por conta disso, exige pensamento preditivo. Daí, também, a negação de ideias solipsistas, pois não existe algo como “alma solitária”: tudo está relacionado com tudo. Tudo acontece nas interações: mesmo a construção de um sujeito é uma obra coletiva. Estas ideias acabaram por influenciar a maneira de pensar a educação no Brasil, o que pode ser constatado nas amostras apontadas a seguir. Poucas, devido ao espaço possível neste simpósio, mas exemplares.





Criticando ideas que apuntan para a prevalência da teoria sobre a prática, Severino nos diz que: “É a prática que constrói a educação, assim como toda expressão da existência humana. Toda explicação teórica deve ter a condição da prática como referência fundamental” (SEVERINO, 2012, p. 8). Antes que possamos ter qualquer teoria, precisamos de um conhecimento prático, precisamos ter tido uma experiência.

O estágio inicial do ato de pensar é *experiência*. Esta observação pode figurar-se soado lugar comum. Deveria ser; mas infelizmente não é. Pelo contrário, o ato de pensar é com frequência considerado na teoria filosófica e na prática educativa como alguma coisa independente da experiência e capaz de ser cultivado isoladamente. (DEWEY, 1959, p. 168)

A filosofia de Dewey é também conhecida como Filosofia da Experiência. Dewey considera a experiência “como o método, e o único método, para alcançar a natureza” (DEWEY, 1958, p. 2a)⁴. Se natureza não se nos apresenta passivamente, mas temos que interagir com ela ativamente, o resultado disso só pode ser uma criação, uma construção, em que há uma tensão entre objeto e sujeito. “Embora não sejamos criadores absolutos dos objetos, nossa relação com eles não é mera contemplação: é uma construção” (SEVERINO, 2012, p. 23). Pois “Somente a ação, a interação, pode mudar ou refazer objetos” (DEWEY, 1958, p. 158).

Severino e Dewey compartilham algumas ideias, ainda que as fontes originárias do pensamento do primeiro, não tenham sido ideias de Dewey e sim abordagens de Mounier e, por esta razão, as ideias do Existencialismo e as do materialismo histórico e dialético. De qualquer maneira, uma hipótese plausível é a de que as abordagens de Severino se tornam mais facilmente assimiláveis, no campo da Filosofia da Educação, também pela forte influência das ideias de Dewey.

Outro filósofo da educação, brasileiro, Cláudio Dalbosco, trata da interação nas experiências educacionais. A sociabilidade humana é fundamental na criação dos laços que sustentam a estrutura social e ela “se constrói a partir da mediação permanente entre ação individualizada e contexto social” (DALBOSCO, 2008, p. 210). A interação se dá majoritariamente pela possibilidade simbólica da linguagem. Esta teoria é de George Herbert

⁴ Todas as traduções são de minha responsabilidade.



Mead, filósofo norte americano que “recebe uma forte influência da filosofia pragmatista norte-americana, principalmente de Dewey, colega de departamento na Universidade de Chicago e seu amigo pessoal” (DALBOSCO, 2008, p. 212).

O que Mead afirma com isso [a capacidade humana de representar sua ação por meio de signos] nada mais é do que um aspecto central da sociabilidade humana, isto é, a sua capacidade, conquistada pelo desenvolvimento da linguagem em seu nível simbólico, de internalizar a ação dos outros, adquirindo também a capacidade de se colocar no seu lugar e de assumir, ou não, sua posição [...] A tese de Mead é, portanto, a de que estamos desde sempre inseridos num mundo social, no qual nossa individualidade só pode ser alcançada por meio de uma socialização, levada adiante pela capacidade de expressar-se por meio do emprego significativo de símbolos” (DALBOSCO, 2008, p. 213).

Dewey tece esta teoria da interação simbólica no capítulo quinto de *Experience and Nature*, obra fundamental não traduzida para o português. Ali, trata da comunicação humana e de como, por meio desse processo, se constroem os significados. “Quando a comunicação acontece, todos os eventos naturais ficam sujeitos a reconsideração e revisão [...] Os eventos se tornam objetos, coisas com um significado” (DEWEY, 1958, p. 166).

Dalbosco, ao escrever sobre Mead, assim diz da linguagem nos processos de interações humanas: “a linguagem humana possui a capacidade, por meio do emprego de símbolos significantes, de provocar no outro o mesmo tipo de comportamento que ela provoca em quem a pronuncia. É nisto que reside o caráter reflexivo da linguagem” (DALBOSCO, 2008, p. 215). Esta ideia está presente em Dewey: “Linguagem é especificamente um modo de interação de pelo menos dois seres, um falante e um ouvinte; isto pressupõe criaturas que pertencem a um grupo organizado e que adquiriram seus hábitos da fala” (DEWEY, 1958, p. 185). Isso se dá nas interações educacionais, formais ou não. Se a interação é um fenômeno social que se organiza por meio da linguagem, nada mais óbvio do que se valer do instrumento da linguagem para associar as pessoas. O que pode ocorrer para o bem ou para o mal.

Dalbosco, na sua produção no campo da Filosofia da Educação, não só tem pontos em comum com Dewey, mas, também, busca nele aportes para suas reflexões.

Leoni Henning, outra filósofa da educação brasileira, trata do princípio da continuidade de Dewey propondo o fim do pensamento etapista na educação, que recorta a vida. Ela propõe



que “a vida deva ser considerada em seu processo que permanentemente se estica no tempo e *acontece* no espaço em que ocorre” (HENNING, 2016, p. 198), pois “o homem forma uma continuidade com a natureza” (DEWEY, 1952, p. 215), além de acontecer sempre em continuidades as mais diversas. A aplicação desse princípio em Henning lhe serve, por exemplo, para a defesa da presença da Filosofia no Ensino Fundamental, “contrariamente à precaução de alguns estudiosos frente à possibilidade do cultivo filosófico prematuro” (HENNING, 2016, p. 197). As questões filosóficas não são estranhas à criança, ao contrário, ela vive cercada por elas. Por isso que crescer deveria acontecer filosofando, já que “o processo educacional [como o filosófico] é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar” (DEWEY, 2004, p. 48), e isso acontece em qualquer época da nossa existência. Inclusive no colocar e no recolocar de questões filosóficas, num contínuo que não cessa nunca.

A necessidade do crescimento se deve à tensão gerada pelas condições da nossa existência e isso não exclui as crianças. Crescimento, no sentido deweyano do termo, como “marcha cumulativa de ação para um resultado ulterior” (DEWEY, 1959, p. 44) não exclui ninguém, sendo, ou não, criança. O “crescer” está nessa atitude de fazer da ação um signo, uma indicação de continuidade, que possa ser utilizado de forma prática para novas experiências e que possa ser comunicado a outros “sócios” da experiência de viver. Henning, neste aspecto, partilha de ideias de Dewey e as torna presentes nas reflexões filosóficas sobre a educação em nossos dias no Brasil.

Por estes três exemplos, há muitos outros, pode-se constatar que, mesmo tendo diminuída a ênfase dada ao pensamento de Dewey no auge do movimento da Escola Nova no Brasil, principalmente na segunda metade do Século XX, suas ideias produziram um lastro favorável tanto ao entendimento da importância da experiência como ambiente da realização de tudo e como fonte do conhecimento, quanto para reflexões no campo da Filosofia da Educação.

Considerações finais.

Os textos deste simpósio têm o objetivo de apresentar ideias de alguns pensadores brasileiros a respeito da necessidade e importância da presença da Filosofia da Educação no processo de formação de educadores. Há, além desses, outros educadores brasileiros tão





importantes quanto. Os que aqui foram apresentados o foram com a finalidade de que suas ideias provoquem, neste encontro, debates e considerações sobre o tema. Trata-se de um debate urgente, vistos os riscos de empobrecimento da formação dos educadores por duas razões já mencionadas: a primeira pelo que afirma Severino, “sua formação não pode ser concebida e realizada como mero treinamento para o desempenho de tarefas técnico-didáticas do ensino, dentro de uma visão muito estreita da profissionalidade, esvaziada de qualquer dimensão humanística”. A segunda por conta da necessidade de ajuda para que os educadores superem visões espontaneístas ou simplórias (de acordo com René Silveira) e, também, enviesamentos ideológicos (Severino), ao assumirem tendências pedagógicas (ou paradigmas, conforme diz Bonfleuer).

Referências.

DALBOSCO, Cláudio A., Teoria interacionista da ação e educação. In: DALBOSCO C. A., CASAGRANDA E. A., MÜHL E. H., **Filosofia e pedagogia: aspectos históricos e temáticos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

DEWEY, John. **Experience and nature**. New York: Dover Publications Inc., 1958.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. 3ª edição. S. Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John, **Democracy and Education**. New York: Dover, 2004.

DEWEY, John. **La busca de la certeza**. México: Fondo de Cultura Economica, 1952.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933) - Introdução ao Estudo da Filosofia. In: _____. **Cadernos do Cárcere**. Introdução ao Estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição Carlos Nelson Coutinho; co-edição Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, vol. 1, pp. 81-226.

HENNING, Leoni Maria Padilha, Crescer Filosofando. In.: SEVERINO, Antônio J., LORIERI, Marcos A., GALLO, Sílvio, **O papel formativo da filosofia**. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.





KOHAN, Walter O. Entrevista com Walter Kohan. **Ensaio Filosóficos**, v. 11, p. 166-172, 2015.

KOHAN, Walter O. **Visões de filosofia: infância**. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 17/2, p. 216-226, jul-dez 2015a.

LORIERI, Marcos A. Filosofia e educação: um entendimento possível desta relação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 05-12, jul/dez. 2010.

LORIERI, Marcos A. Papel da filosofia na formação humana. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 26: maio–out./2016, p. 161-174.

MURPHY, J. **O pragmatismo de Peirce a Davidson**. Porto: Edições ASA, 1993.

PAGNI, Pedro Â. Infância, arte de governo pedagógica e cuidado de si. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-123, set./dez., 2010.

PAGNI, Pedro Â. Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e o acontecimento na práxis educativa. In: PAGNI, P. A.; GELAMO, R. P. (orgs.). **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. Marília: Poiesis Editora, 2010a.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2012.

SEVERINO, Antônio J., **Filosofia na formação universitária**. São Paulo: Artes Livros, 2011.

SEVERINO, Antônio J., Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, Francisca E. S. (Org.) **Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011b. p. 130-148.

TOMAZETTI, Elisete M. Papel da Filosofia na formação de educadores. In: SEVERINO, A. J.; LORIERI, M. A.; GALLO, S. **O papel formativo da Filosofia**. (orgs.). Jundiaí: Paco Editorial, 2016.